



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

THE DINNER PARTY - 40 ANOS: REVERBERAÇÕES FEMINISTAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA OBRA DE JUDY CHICAGO

Juliana Padilha de Sousa
PPGARTES - UFPA

Introdução

O período de 1960 e 1970, no Ocidente, é marcado por mudanças no que condiz à experiência social feminina, com destaque para a emancipação sexual das mulheres. O Feminismo pareceu ser o prenúncio de uma nova era, ao menos para uma nova postura social: as mulheres finalmente tomaram as rédeas da situação. A manifestação feminista na história da arte a partir dos anos 1970, aqui simbolizado através da obra da artista norte americana Judy Chicago (1939), estabeleceu novas perspectivas do silenciamento feminino e a sua ausência de protagonismo na história social. A ambiciosa obra de *The Dinner Party* (1974-1979) constitui em uma instalação em forma triangular de banquete de 39 lugares para mulheres meritórias da história ocidental, em que a mesa é posta com porta pratos de porcelana baseados em iconografias vaginais, assim como taças, talheres, acompanhados de toalhas bordadas manualmente com motivos personalizados para cada homenageada. Esta instalação contou com a colaboração de 400 artistas, homens e mulheres, para a confecção de todos estes artefatos, na intenção de uma recuperação histórica de tantas mulheres - no total de 1038 mulheres homenageadas - esquecidas e ocultadas pela história da arte. Chicago utilizou de técnicas historicamente constituídas como *femininas* - como a cerâmica, o bordado e a tapeçaria - para construir a sua instalação, em conjunto com os demais artistas colaboradores, em uma simbólica celebração da resistência feminina ao aprisionar da sociedade patriarcal. A chamada Arte Feminista é entendida como uma arte impossível de qualquer narrativa linear simples ou de ser estudada por um viés estritamente cronológico e nesta perspectiva de feminismos na arte, as modalidades outrora desprezadas por serem “femininas” assumem o papel crítico aos discursos de poder previamente concebidos. Descendendo das inquietações provocadas por mulheres artistas dos anos 70 a partir do *Feminist Art Movement*, quando a pesquisadora feminista Linda Nochlin publica o icônico artigo “*Why there have not been no great female artists?*”, argumentando que o conceito de genialidade artística esteve reservado aos homens em uma consequência de uma exclusão institucional e social das mulheres enquanto profissionais da arte. Nochlin atenta para o fato de que mulheres eram impossibilitadas de atingirem os padrões de qualidade artística determinadas historicamente no mundo das artes, nos convidando a uma desconstrução daquilo de chamamos de tradição artística, ao revelar seu caráter sexista seletivo. Desenvolvemos este artigo para analisar o trabalho coletivo de Judy Chicago em *The Dinner Party* quarenta anos após a sua primeira exposição, explorando as discussões e produções científicas acerca desta obra, e as repercursões feministas na arte contemporânea. A obra Chicago e sua equipe se mantém atual e necessário, o respeito ao legado de nossas antecessoras e a necessidade de reescrever seus nomes na história.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Metodologia

A historiadora da arte Griselda Pollock (1998) afirma que a revisão feminista da historiografia da arte tem como principal ferramenta a análise da mulher como produtora, sugerindo que se produza *contra-histórias* baseadas em outros elementos das mulheres e sua história. Pedir uma arte mais inclusiva para as mulheres não significa apenas ressaltar nomes esquecidos durante séculos, mas compreender e valorizar os mais diversos trabalhos de mulheres artistas através da escrita de uma nova história da arte. O historiador da arte, Michael Archer (2001), contextualiza que a teoria feminista no cenário artístico da década de 1970 evidenciava que as reais diferenças entre os sexos se baseavam em poder: quem o tinha e quem não o tinha. O chamado ao protagonismo feminino contido na obra de Chicago e nos debates levantados pelo *Feminist Art Movement* norte-americano são discutidos no artigo de Milena da Costa Souza, demarcando um importante feito das artistas feministas da época, que criaram o programa acadêmico denominado de *Feminist Art Program*, de Judy Chicago e Miriam Schapiro - ambas que, além do trabalho artístico, lecionavam. Pesquisadores da arte como a portuguesa Filipa Vicente (2002) e a brasileira Ana Mae Barbosa (2016) trazem estas questões em suas publicações, apresentando o cenário artístico do período que a obra de Chicago foi produzida, dialogando com o a arte e as construções sociais de gênero.

Resultados e discussão

O movimento feminista, nas suas mais plurais configurações, impulsionou mulheres a obterem mais consciência sobre suas origens, questionar estruturas opressoras e reconhecer o valor das diferenças entre homens e mulheres. As implicações mais amplas da maneira como o feminismo pensava a arte colocou em foco a questão da identidade, que ultrapassa os limites de gênero, e traziam em pauta considerações sobre sexualidade, classe social, origem racial e cultural (ARCHER, 2001). O movimento de arte feminista norte-americano está diretamente associado ao chamado feminismo de segunda onda. Tendo como marco histórico inicial a exposição pioneira realizada em Los Angeles em 1976 – *Women Artists: 1550-1950* – anos após ter publicado seu artigo já citado, Linda Nochlin e Ann Sutherland Harris fazem a curadoria da exposição mais ambiciosa já organizada sobre mulheres, até então (VICENTE, 2012). Realizada no Los Angeles County Museum, com a abordagem de uma história da arte feminista, a exposição propõe uma genealogia de mulheres artistas. A exposição incorpora ideias feministas equacionando os múltiplos processos através dos quais os registros do trabalho das mulheres artistas “[...] foram sendo submersos pela própria história” (Op. cit., p. 37). Anos depois, O Banquete - como seria chamado em português a obra de Judy Chicago - reúne 1038 mulheres destacadas onde 39 estão dispostas ao longo de uma mesa triangular e outras tem seus nomes gravados nos ladrilhos que compõe o piso da instalação, o chamado The Heritage Floor, nome que indica a ancestralidade presente na obra. Em The Dinner Party (fig.1) tudo remete ao feminino. Propondo uma recuperação da história de mulheres eminentes no ocidente, tudo remete ao



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

corpo e a Deusa Mãe: o triângulo formado pelas mesas simboliza a vulva e muitas outras representações do sexo feminino estão presentes na instalação. Artes tradicionalmente associadas ao fazer de mulheres são resgatadas na intenção de desestabilizar as hierarquias constituintes do mundo da arte.

Figura 1: *The dinner party*. Judy Chicago, 1977. Cerâmica, porcelana e bordados, 14.6x12.8x9m, Elizabeth A. Sackler Center Foundation, Brooklyn Museum.



Fonte: <https://www.dissentmagazine.org/article/art-meets-politics-how-judy-chicagos-dinner-party-came-to-brooklyn>

Mulheres artistas que se redescobrem e desafiam o estereótipo feminino e clamam pela liberdade de ser mulher. Ao invés do retrato delicado, natural, maternal esperado, se revelam caóticas, subversivas e independentes em um exercício contínuo de desconstrução de paradigmas limitadores que aprisionaram o bordado por séculos. O contexto dos anos de 1970, período de criação da obra de Judy Chicago, inseriu ideais feministas no processo artístico que permitiu um acolhimento do *ser-fazer* feminino dentro das particularidades - do bordado, da tapeçaria, da cerâmica - construídas através de séculos de exclusão da mulher nos espaços da arte. A obra de Judy Chicago, *The Dinner Party* (1974-1979) contribuiu para que novas gerações de artistas pudessem vivenciar a multiplicidade de ser artista para além da normatividade de gênero.

Conclusões

As questões levantadas na obra continuam atuais, mesmo passados quarenta anos de sua primeira exposição. A instalação de Chicago permanece iluminando trajetórias de muitas mulheres e suas produções invisibilizadas ao longo da história, rompendo barreiras do fazer artesanal feminino, simbolizando até hoje as dificuldades da inserção da mulher e suas produções no mundo das artes.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Palavras-Chave: Judy Chicago; The Dinner Party; Mulheres Artistas;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea:** Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres: Arte, Artesanato, Design. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 233-248, jan./abr. 2016.

COUTINHO, A. S. **Poéticas do Feminino/Feminismo na Arte Contemporânea:** Transgressões para o ensino de Artes Visuais em Escolas. 2009. 264 f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança na área de Comunicação Visual e Expressão Plástica) – Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2009. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/?p=587>. Acesso em: 12 dez. 2018.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora/ Publication Studio São Paulo, 2016. Tradução de Juliana Vacaro.

POLLOCK, Griselda. **Differencing the Canon:** Feminist Desire and the Writing of Art's Histories. New York. Routledge, 1999.

SOUZA, Milena da Costa. Your body is a battleground: O Feminist Art Movement norte-americano analisado através da produção artística de Judy Chicago e Barbara Kruger. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

VICENTE, Filipa Lowndes. **A arte sem história:** Mulheres e cultura artística (Séculos XVI-XX). Lisboa: Babel, 2012.